

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO - FACE
CURSO PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ALESSANDRA CRISTINA MUNIZ DE AGUIAR

ANA MARIA COSTA LEÃO

CLÁUDIA APARECIDA DE OLIVEIRA

VALENTINA GONÇALVES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DOS ALUNOS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Brasília, 2005.

ALESSANDRA CRISTINA MUNIZ DE AGUIAR
ANA MARIA COSTA LEÃO
CLÁUDIA APARECIDA DE OLIVEIRA
VALENTINA GONÇALVES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DOS ALUNOS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília - UniCEUB como parte das exigências para
conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de
Professores para as Séries Iniciais do Ensino
Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientadora: DENISE M^a DOS S. PAULINELLI
RAPOSO

Brasília, 2005.

Dedicamos este trabalho a nossa família, aos nossos amigos, colegas, e em especial a todos aqueles que de forma direta ou indireta nos ajudaram a consolidar mais este sonho.

A Deus, pelo dom da vida.

Aos nossos familiares: pais, maridos, filhos, irmãos, que nos compreenderam pela falta de tempo.

Aos nossos professores e orientadores durante esta jornada rumo ao saber.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Fanny Abramovich

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Referencial teórico.....	11
2.1. Histórico da literatura infantil.....	11
2.1.1. A Literatura infantil nos dias atuais.....	15
2.2. As estratégias de motivação dos professores.....	17
2.3. Desenvolvimento da leitura em crianças de 2ª série.....	25
3. Orientações Metodológicas.....	32
3.1. Métodos e pesquisa.....	33
3.2. Métodos de Procedimentos.....	34
3.3. O sujeito da pesquisa.....	35
4. Organização, análise e discussão dos dados.....	36
5. Considerações finais.....	41
6. Referenciais Bibliográficos.....	44

RESUMO

Pode-se observar que a Literatura Infantil no campo educacional funciona como um importante recurso estimulador da aprendizagem para todos os educandos. Nesse sentido o objetivo geral desta pesquisa é investigar a Literatura como fonte de motivação para o desenvolvimento da criança. De maneira mais específica buscou enfatizar a análise da literatura infantil como fonte de recursos para o desenvolvimento da criança; investigar as estratégias de motivação dos professores para despertar o interesse dos alunos. Para atingir estes objetivos optou-se pela pesquisa bibliográfica, por ser bastante apropriada para esta temática e a pesquisa de campo, fundamentada em pelos pressupostos da metodologia qualitativa, na qual foi utilizado o questionário, aplicado com oito professores da 2ª série e a observação em equipe, com os alunos. A análise de dados evidenciou a importância da literatura como um elemento que possibilita o desenvolvimento da imaginação das crianças e um processo contínuo do aprendizado. O estudo possibilitou uma maior compreensão da literatura infantil no ambiente escolar e como ela pode ser trabalhada na prática diária em sala de aula, concebendo-a como um movimento amplo de interação. Constatou-se, ainda a possibilidade de construção do conhecimento que permite que as crianças consigam redigir melhor, desenvolvendo sua criatividade, confirmando que o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente interligados.

Palavra-chave: Escola – Professor – Literatura Infantil

INTRODUÇÃO

A literatura infantil na escola possibilita que se faça cumprir o ideário de educação tão comentado na atualidade: a transformação. A escola necessita de elementos que façam cumprir este ideal. Sendo assim, pode contar com a principal função da literatura infantil: refletir sobre a realidade, desmontando-a e remontando-a na busca da formação de opiniões críticas que questionem a situação real em que se vive.

Sabe-se que desde o início da história até a atualidade, a relação entre escola e literatura infantil vem se transformando constantemente. Neste processo estão envolvidos dois personagens que merecem ser analisados: o professor e a criança. Este alvo está sob influências de ambos e merecem grande atenção porque a relação entre o professor e a criança faz nascer a aprendizagem.

Trabalhar com a literatura infantil na escola é abrir as cortinas do mundo para uma platéia de seres que buscam a construção do ser como sujeitos de uma sociedade. Cabe ao professor deixá-los sedento de descobertas. Por meio da leitura como fruição haverá a reflexão, e, por fim, a aprendizagem. A literatura infantil fará com que essa aprendizagem sirva para a constituição de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, porém a questiona e a transforma.

O professor precisa ler para que seus alunos possam ser possuídos pelo texto e assim se apaixonem pela literatura infantil. A escola, representada na sala de aula pela sua pessoa, tem essa responsabilidade: de fazer os alunos se apaixonarem não só pela literatura, mas também pela leitura.

Ao trabalhar projetos que privilegiem a literatura infantil nas escolas, possibilita-se a emancipação do ser pelo saber, rompendo a idéia que deu origem à escola e à literatura: a manipulação deste mesmo ser.

Segundo Perrenoud (2001) está é a questão fundamental, ou seja, deve-se trabalhar justamente o oposto, isto é, as diferenças. A busca por uma prática pedagógica inovadora que não permita que cada um se feche no seu mundo, mas que conviva em grupo valorizando cada experiência relacionada com sua cultura, seu conhecimento, com sua forma de vida e com relacionamento em grupo.

Trabalhar a partir desta abordagem é colocar muitas questões para a didática, isto é, supõe repensar temas que vão desde a seleção dos conteúdos escolares e do modo de se conceber as construções do conhecimento à dinâmica do cotidiano das escolas e salas de aula, incluindo-se o tipo de trabalhos e exercícios propostos, os processos avaliativos, a construção de normas, assim como a formação inicial e continuada dos educadores em geral.

As práticas educativas concebidas nesta perspectiva transformam em espaços de busca, construção, diálogo e confronto intercultural, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, experiência da pluralidade, aventura, organização cidadã, de diferentes grupos sociais, principalmente dos marginalizados e excluídos, e afirmação das dimensões cultural, ética e política de todo processo educativo que caminha para a prática da cidadania.

A discussão presente nesta pesquisa tratará aspectos como a formação do leitor, como trabalhar a literatura, o que possibilita a leitura e como se desenrola toda uma trama que enovela fatos do passado, do presente e do futuro.

Acredita-se que a realização deste estudo possibilitará encontrar alternativas para despertar nos alunos das 2ª séries do Ensino Fundamental o gosto pela Literatura por meio da leitura em sala de aula. As metodologias pesquisadas devem apresentar métodos e técnicas que devem melhorar a prática docente.

A pesquisa é relevante do ponto de vista social e científico, pois, a descoberta e a expansão da Literatura no mundo estão ligadas à socialização do homem e é por meio da socialização da leitura que o homem transmite a cultura, a história e produz conhecimento científico.

O presente estudo tem por objetivo principal investigar a Literatura Infantil como fonte de motivação para o desenvolvimento da criança. Desvendar de maneira mais específica à realidade das escolas pesquisadas enfatizando a análise da literatura infantil como fonte de recursos para o desenvolvimento da criança; investigar as estratégias de motivação dos professores para despertar o interesse dos alunos da 2ª série. A questão que norteou a presente pesquisa é: A literatura infantil contribui para o desenvolvimento da criança?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

“Nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz e rica quanto a que a Literatura Infantil permite!”

Autor Desconhecido

Observa-se que no primeiro contato com a literatura, parece fácil descrevê-la, mas muitas discussões são geradas nas escolas relacionadas a esse assunto. Segundo Coelho (2000), a Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida como exatidão.

Para Riche (1999) a Literatura contém em seu interior muita afetividade. Segundo o autor ao contar histórias, é possível trabalhar com sentimentos e emoções, fazendo com que a criança aprenda a lidar com diferentes situações e limites presentes em seu cotidiano.

Os estudos de Zilberman (1985) apontam que a partir do final do século XVII e durante o século XVIII é que se produziram os primeiros livros de Literatura Infantil, antes disso não existia a atual concepção de “infância”. Nas famílias não existiam laços afetivos, as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, sua infância deveria ser curta, a sua educação era de disciplina e punição, compartilhavam os mesmos eventos com os adultos, mas sem muita aproximação.

Ainda de acordo com a autora, depois do século XVIII, segundo os interesses da época, os primeiros livros de Literatura Infantil escritos por pedagogos e professores foram produzidos com o intuito educativo. No entanto, a metodologia utilizada pelos educadores não conduzia o aluno ao prazer e à reflexão da leitura, mas como objeto de dominação, dificultando assim o entrosamento de literatura e educação.

É importante ressaltar segundo a autora que nessa época a criança era considerada como um bom selvagem, sua naturalidade deveria ser conservada

na passagem do seu período infantil. Marginalizada pelo poder econômico distanciou-se dos meios produtivos, o que determinou sua dependência dos adultos. Como meio de preservar sua pureza infantil ela foi afastada da sociedade pelo maior tempo possível.

Com a decadência do feudalismo, conforme começaram a acontecer mudanças de valores, que não existiam antes como o afeto e a solidariedade dos membros da família em relação às crianças, iniciando-se assim condições para o seu desenvolvimento (COELHO, 2000).

Edward Shorter (apud ZILBERMAN, 1985) relata três fatores principais que ajudaram a desalojar a família tradicional: o primeiro mostra que antes o namoro era ligado pelo laço de materialismo, o parceiro era escolhido pelos pais. Depois cada um passa a escolher o seu parceiro para o matrimônio. No segundo fator o relacionamento entre mãe e filho deixou de ser apenas biológico, a mãe com seu amor maternal providenciava para que o bem-estar da criança estivesse acima de qualquer outra coisa. E por último a linha entre a família e a comunidade circundante teve um enfraquecimento e a família moderna nasceu no abrigo da domesticidade.

Observa-se que Zilberman (1985), cita que na infância, a criança passa a ser vista como indivíduo que merece ser valorizada pela família, a qual tem como compromisso fazer com que ela atinja a idade adulta de forma saudável e madura.

A autora mostra que no século XIX, a Literatura Infantil passa a ter uma nova abertura que formou novas mentalidades, mostrando que a escola precisava está atenta e rever seu conhecimento de mundo.

A literatura surge como um agente na formação do indivíduo, levando-o para uma realidade social do seu meio. De acordo com Coelho (2000), é necessário um confronto dos valores tradicionais da Literatura Infantil com os valores novos. Esse confronto certamente ajudará os professores a se situarem com criticidade diante da realidade histórica, social e cultural.

Nos valores tradicionais, a sociedade era baseada no individualismo e na competitividade. A obediência era absoluta aos valores padrões, tabus ou aos ideais das autoridades que tinham poder e saber. Eles não eram contestados e os

demais tinham que seguir um caminho que era direcionado por eles sem almejar uma perspectiva de uma vida mais digna, conforme cita a autora.

Coelho (2000) mostra ainda que nessa época a literatura mostrar que o indivíduo ideal estava fundamentado nos modelos de heróis ou personagens românticos, imitados pelas crianças, pois davam exemplos de virtude e coragem.

A autora reforça que esse ideal teve origem na Grécia, no século VI a.C., onde foram escritas as primeiras fábulas, que eram acontecimentos narrados pelas pessoas. Esopo ouvia e registrava essas fábulas, além de produzir algumas. As fábulas eram exemplos dessas histórias que trazem consigo uma moral, com prêmios ou castigos que os personagens recebiam.

Na Literatura Tradicional, segundo Coelho (2000), as personagens femininas aparecem como responsáveis pela educação dos filhos e o cuidado da casa. Para o homem eram delegadas as decisões sobre a família. Nessa época, a literatura vem reforçar as diferenças entre os sexos feminino e masculino. Influenciada pela religião, a literatura apresenta o sexo como pecado e tenta retratar as injustiças contra as raças consideradas inferiores, como o negro, os índios, os pobres.

Pode-se dizer que a literatura infantil aparece nesse contexto histórico-social definido: a ascensão da burguesia e a posição que a criança passa a assumir na família. Segundo Lajolo e Zilberman (1999), a nova unidade familiar, centrada no pai-mãe-filhos e fortalecedora do Estado, privilegia a criança como um ser merecedor de uma atenção especial com status próprio, para o qual convergem as preocupações com a saúde, a educação e a religiosidade.

Ao historiar os princípios da educação e instrução oitocentista no Brasil, Tufano (1990) registra que paralela à literatura de caráter universal, prevalecia uma literatura de cunho moralista, própria do século XIX, direcionada à infância e à adolescência: formadora de caráter, de moral identificável, com modelos de virtude, amor e desprendimento a serem seguidos pelas crianças e jovens.

Entretanto, pode-se lembrar que a literatura infantil brasileira desenvolveu-se, segundo Riche (1999, p.130), “*na virada da modernidade para a pós-modernidade e vai refletir esteticamente esse sistema social complexo vivendo entre o pré-capitalismo de algumas regiões (...) e as grandes cidades*”.

Tufano (1990), afirma que essa trajetória apresenta uma cena social plural, com duas realidades distintas no território nacional: de um lado a crianças com pouco ou nenhum acesso ao livro infantil e à leitura e, de outro a facilidade incrível aos bens de consumo, entre eles a literatura para crianças.

Portanto, não é temerário afirmar a função social da literatura infantil, pois é na infância que se forma o hábito da leitura. Nos seus primeiros anos de vida, a literatura para crianças tem função formadora: apresenta modelos de comportamento que facilitam a integração da criança na sociedade. Lajolo e Zilberman (1999) acreditam que a valorização da família na sociedade burguesa é a mola mestra que transforma a leitura em prática social, quando constitui atividade privada nos lares tendo o livro como instrumento ideal para a formação da moral burguesa.

Desde então, segundo Lajolo e Zilberman (1999, p.14), *“ser leitor, papel enquanto pessoa física exerce, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas”*.

Em consonância com as autoras, percebe-se que no século XX, antes dos anos 60, Monteiro Lobato foi o responsável pela literatura no Brasil. Criou obras centralizadas em alguns personagens, que percorriam e unificavam seu universo ficcional e que deram um novo sentido a história contada por seu criador.

Segundo Lajolo e Zilberman (1999), Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infantil Brasileira. Suas obras tomaram dimensões a partir de sua interação com o grupo social e seu sentido evidenciou a produção literária, contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado ponto da nossa história.

Após a década de 70, novos valores vêm mudar um pouco o modelo de sociedade individualista para uma sociedade solidária, constituída em torno dos grupos sociais em que a autoridade passa a ser questionada. É exigida mais liberdade para o conhecimento e a interpretação de realidade do mundo.

Conforme Lajolo e Zilberman (1993) os pensamentos antigos vão sendo substituídos, para que possa existir mais aceitação das diferenças culturais e sociais. Surge uma literatura calcada em valores mais flexíveis. O trabalho passa a ser realização do próprio indivíduo. O homem não é mais o “senhor do poder” em sua família, o poder se iguala tanto para a mulher quanto para o homem.

Nota-se que nessa época na literatura aparecem histórias que mostram os meninos e as meninas comungando as mesmas atividades, de modo que o que é bom para um é bom para o outro. Surgem os movimentos feministas e o sexo que era proibido tornou-se natural, e nas escolas começam a ser ministrados os cursos de educação sexual. Ainda acompanhando os estudos de Lajolo e Zilberman (1985), observa que a Literatura Infantil também apresenta a valorização das etnias com a finalidade de resgatar as raízes do povo brasileiro.

As autoras afirmam ainda que a criança deixa de ser vista apenas como um adulto em miniatura e passa a ser considerada como um ser em formação, podendo desenvolver-se em meio à liberdade para realizar seu potencial.

Por meio da leitura, Zilberman (1993), afirma que a criança poderá se divertir, sentir emoções e ter muito prazer. Com a leitura poderá ter a possibilidade de conhecer os sentimentos dos outros e as diferentes formas de pensar sobre as coisas, buscando informações para os seus novos conhecimentos.

Muito embora se conviva com tal disparidade no Brasil, o que se pretende destacar, entretanto, é que na atualidade, o livro infantil apresenta a realidade os problemas sociais, políticos e econômicos. Ao assim fazer, não foge do lúdico, pois continua a transmitir emoções, a despertar curiosidade e a produzir novas experiências. Conforme Riche (1999), por outro lado, desempenha uma importante função social que é fazer com que a criança perceba intensamente a realidade que a cerca.

Pode-se dizer de acordo com a autora que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo. Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura.

2.1.1. A LITERATURA INFANTIL NOS DIAS ATUAIS

Segundo Coelho (1991), na atualidade, dados revelam a necessidade de se investir na melhoria da qualidade de ensino para acompanhar o circuito das idéias contemporâneas, entre as quais se destaca a universalização da cidadania. Assim, observa-se a importância da formação de leitores.

Para a autora a leitura é um dos meios que o indivíduo tem de caminhar no mundo, de ter contato com novas idéias, vivenciando experiências que talvez sua vida prática jamais lhe proporcionaria, deixar de ler traz prejuízos que vão desde a falta de desenvolvimento profissional até a ampliação das desigualdades sociais.

Com base em dados do Ministério da Educação (2004), o Brasil é um país que lê pouco, mas que tem grandes chances para se tornar em uma nação de leitores. O Brasil tem a maior indústria editorial da América Latina. Para reverter esse quadro, o Ministério da Cultura em parceria com o Ministério da Educação em 2004, impulsionou o Programa Fome de Livro, apoiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura no Brasil. Uma das novidades é a desoneração da comercialização e importação de livro, o que resultará em uma redução estimada nos preços.

O projeto “O Fome de Livro”, enfatiza ainda a importância das políticas públicas e o desenvolvimento de parcerias e programas na promoção da leitura. O programa é um importante passo para a democratização da leitura no Brasil. Atualmente é possível verificar que existem diversos programas em andamento para o incentivo à leitura por meio da literatura.

Um desses programas está sendo desenvolvido pela Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (BCo), em conjunto com a comunidade externa da educação básica considerando as diversas modalidades recomendadas na literatura da área, com mediação de leitura. A Biblioteca Comunitária desenvolve vários programas importantes como:

- Arte na Biblioteca;
- Formação de Contadores de História.
- Uso da Imagem na Sala de Aula;
- Semana do Livro e da Biblioteca;

- Entre outros, que são regularmente oferecidos sob a forma de cursos e atividades culturais, em parceria com entidades e instituições ligadas à educação e cultura na região e no estado.

A literatura infantil, também sai dos papéis e passa a ser projeto do meio digital, como o Projeto de Aprendizagem desenvolvida na disciplina de Educação e Mídias em cursos de Pedagogias em universidades brasileiras, o qual teve início a partir das seguintes problemáticas: como se apresentam os sites de literatura infantil e se os mesmos despertam interesse em seu público alvo.

O projeto segundo dados da Universidade Rio dos Sinos (2001), faz uma reflexão sobre a literatura infantil no mundo digital. A informática é algo que desperta o fascínio nas crianças e, dessa forma, possibilita uma outra forma de literatura.

Sendo assim, de acordo com a Universidade Rio dos Sinos (2001), o mundo digital pode despertar o interesse do público infanto-juvenil para a literatura, já que estes não têm o hábito de ler. Um site ideal deve conseguir unir fantasia e interatividade, pois assim, vai explorar a imaginação da criança e formar leitores emancipados e críticos.

Segundo Zilberman (1985, p.22) “A decisão por uma mudança de rumos implica algumas opções por parte do professor, delimitadas essas, de um lado, pela escolha do texto e, de outro, pela adequação desse último ao leitor”. Acredita-se que, além disso, faz-se necessário que haja uma mudança também no ambiente educativo, para que a leitura abandone esse estigma de cunho pedagógico que até nossos dias vem sustentando.

Com base nos estudos de Coelho (2000), a literatura deve ser vista como uma arte, e não apenas para atender objetivos didáticos com a intenção de se continuar a ter domínio sobre as crianças. Atualmente, por querer continuar controlando e disciplinando, muitas escolas não aceitam a literatura como um meio prazeroso para a aprendizagem.

Segundo a autora hoje, é muito importante trabalhar com o texto literário de forma frutiva, pois sendo ele uma manifestação artística, aguça o gosto pelos livros, provoca emoções, transmite conhecimentos, aflora a imaginação e o prazer da leitura torna-se uma natural consequência.

2.2. AS ESTRATÉGIAS DE MOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES PARA DESPERTAR O INTERESSE DOS ALUNOS DE 2ª SÉRIE.

Resende (1997, p. 164) define que *“Ler é um ato de abertura para o mundo. (...) É neste país, de bases colonizadoras, que a leitura pode criar condições de defesa e de irreverência, sem o que é impossível estabelecer e reconhecer a identidade nacional”*.

Da mesma forma que a concepção do que é a infância tem se modificado ao longo dos tempos, o conceito de literatura infantil também se altera e hoje, para Coelho (2000, p. 27) *“a Literatura Infantil antes de tudo é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, por meio da palavra...”* Em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.

Para Resende (1997), conviver com o imaginário da arte é ultrapassar as superficialidades e a ordem habitual das coisas, para conhecer a beleza e a profundidade que residem não só nas idéias, mas, sobretudo, na linguagem, que é o modo de perceber e de dizer o mundo. A literatura propõe o vôo, a viagem, as descobertas e as aventuras, com asas que são suas, levando no vôo uma bagagem própria, que se pode, tirar proveito, conforme a disponibilidade interior.

A aprendizagem da leitura nunca acaba. Aprendemos a ler à medida que lemos e vivemos. Bamberger (1991, p.29) afirma ainda que o *“(...) direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir. Sugere que o bom leitor é bom aprendiz”*.

Segundo Grossi (1993) os níveis em que as crianças se encontram na escrita podem ser outros na leitura. Há pesquisas psicológicas que associam o aprimoramento da capacidade de leitura com o aumento de aprendizagem do ser humano. Sendo assim, até fica um tanto superficial avaliar a leitura de uma criança de acordo com os níveis de escrita. Para ler, ela se apóia muito mais em evidências extratextuais do que nos sinais gráficos.

De acordo com a autora é a partir das figuras que faz suas previsões de significado. É preciso valorizar a estratégia inteligente de prever os sentidos da

leitura. A palavra escrita é a culminância da capacidade de simbolizar. Tornar-se um bom leitor da palavra escrita é uma aprendizagem complexa e específica. Para Freire (1996, p. 56), “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra(...)*”.

Segundo Resende (1997), quando ler e escrever estão em função de criar habilidades, mobilizando a criatividade, a reflexão e a percepção sensível das crianças para ativá-las interiormente e lhes dar liberdade de expressão são vários os verbos utilizados: compreender, analisar, discutir, experimentar, transformar entre outros.

Neste contexto, segundo autora quando a relação com os livros começa desde cedo a criança cultiva o gosto pelas histórias, amplia-se o seu interesse e evolui a aquisição de habilidades lingüísticas.

Sobre o desenvolvimento da leitura, Bamberger (1997) argumenta que variedade de material e as interações mediadoras são importantes na formação dos bons leitores. Entretanto não são suficientes para o desenvolvimento do gosto na leitura. É preciso que se desperte na criança o interesse pelo livro. O interesse da criança no enredo e no destino das personagens leva-a ao término da história num curto prazo de tempo. O material escrito que desperta interesse na criança deve ser observado e acompanhado pelos adultos, sejam pais e/ou professores.

Pesquisas apresentadas por Bamberger (1997) ressaltam as seguintes etapas no desenvolvimento da motivação na leitura do indivíduo:

- A primeira motivação de ler é a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas. A criança bem trabalhada na sua prontidão de leitura e, sendo exposta a uma leitura fácil e emocionante, se tornará boa leitora. Nesta fase o bom leitor é aquele que gosta de ler.
- Na segunda fase, a leitura impulsiona o treino de aptidões intelectuais e espirituais, fantasia, pensamento, vontade, simpatia e a capacidade de identificação. Nesta fase, a leitura ajuda a expansão do “eu” no indivíduo.
- No terceiro estágio, a leitura suscita no leitor a necessidade de familiarizar-se com o mundo, pois enriquece a sua idéias e experiências intelectuais. Ela ajuda na formação de compreensão de mundo.

O autor mostra que a introdução da criança no mundo da leitura deve ser feita por uma pessoa experiente, seguindo um programa de desenvolvimento da compreensão na leitura. É importante ressaltar que a motivação e o interesse pela leitura não são iguais em todos os leitores. Estes não podem ser semelhantes, seja pela série que cursam, a idade cronológica e meio social.

De acordo com Bamberger (1997), cada leitor apresenta a sua singularidade na leitura, pois esta é associada ao gosto individual. No entanto, a ligação afetiva da criança com o adulto leitor e a exposição adequada ao material de leitura são fatores preponderantes para a formação do interesse e motivação.

Para o autor este fato está ligado desde a origem à diversão ou ao aprendizado das crianças, obviamente sua matéria deveria ser adequada à compreensão e ao interesse da criança. E como a criança era vista como um “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou minimização) de textos escritos para adultos.

As obras literárias eram reduzidas em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real maravilhoso.

Coelho (2000), afirma que a Literatura oral ou escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados.

Quando a questão é o gosto pela leitura, a autora refere-se a algo que é construído desde o início da vida, por meio das histórias que os adultos lêem e contam para as crianças. Uma mesma história pode assumir significados diferentes para cada criança. Entrar em contato com uma história é muito mais do que um ato de prazer ou uma maneira de ampliar conhecimentos.

Segundo Coelho (2000), cada história com seus variados heróis, heroínas e vilões representam também ansiedades, desejos, medos, fantasias existentes no ser humano. Estas situações a partir de agora serão vívidas num nível simbólico possibilitando que as crianças adquiram novas soluções para suas dificuldades e problemas interiores e exteriores, em sua inicial relação com a vida na sociedade.

Em pesquisas sobre o déficit de leitura entre os jovens e crianças, a autora mostra que foi constatado que a culpa pela falta de interesse se divide entre a escola, que se utiliza livros com a finalidade de transmitir conhecimentos e a família que cada vez menos dispensa tempo para a leitura nos pequenos.

Coelho (2000) menciona que a respeito das atividades com a literatura e a expressão verbal, o espaço-escola deve se diversificar em dois ambientes básicos; o de estudos programados que estão diretamente ligados a sala de aula, bibliotecas para pesquisas entre outros e o de atividades livre que direciona para sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação e outros.

Segundo Resende (1997) a orientação que a escola dá ao processo alfabetizador é fator determinante na leitura crítica ou não, porque, no caso de criança, são projetados valores e posturas que influenciarão o seu modo de ser e de colocar na sociedade. Se a leitura direciona-se para a crítica e prossegue nesse sentido, ela é capaz de assegurar modificações básicas nos níveis sociais e individuais. Porque a criança é leitora antes de entrar na escola e continuará sendo depois.

Pode-se notar com base na autora que o ato de ler definirá o futuro escrever e falar bem da criança. É importante que os pais em conjunto com a escola proporcionem visitas a bibliotecas, horários para leitura, ida a museus, a teatro, exposições de arte, feiras do livro, familiarização com a internet entre outras tantas atividades sócio-educativas, as quais terão papel preponderante em seu desenvolvimento psicológico, cognitivo e social.

Para Resende (1997), a motivação pela leitura é muito determinada pela postura dos pais em relação aos livros. Então, será que os pais gostam de ler e contam histórias a seus filhos? Ajuda seus filhos a cuidar e conservar seus livros e cadernos. Enfim o exemplo surge como um amigo a ser bem tratado, afinal de contas tudo começa em casa.

O que se observa hoje, conforme a autora é que o aluno tem acesso às obras literárias e aos autores, mas o que falta é o prazer e o gosto pela leitura, pois falta motivação para o estímulo à produção. Para que o aluno se torne um leitor e tenha uma maior aprendizagem da língua, é necessário que o professor estabeleça uma atitude estratégica, ou seja, uma aula de leitura, o que levará

aluno e professor a compreenderem a riqueza do universo ficcional. Por isso, construir um espaço cheio de opiniões críticas em busca do saber e da liberdade é tarefa e responsabilidade que o professor deve assumir.

É nesse contexto que Coelho (2000), reforça que deve também, incluir na sala de aula, o fato histórico, da biografia, a realidade do texto, usando-os para cativar o leitor.

O professor não deve avaliar a leitura por meio de fichas, resumos ou interpretação de perguntas e respostas, pois assim estará matando o gosto pela leitura. Assim, avaliar o rendimento da leitura não é um bom critério, pois os livros não podem servir como pretexto para avaliação. Cagneti (1986), questiona porque não inventar e improvisar atividades gostosas, lúdicas? Como debates, leitura crítica e comparativa de jornais, trabalhos em grupos, dramatização, visitas a museus e bibliotecas e outros. Mas não com o objetivo de dar nota ao aluno, como resultado da leitura. Porque o importante não é o resultado, é o processo.

A autora afirma que a criança pode fazer a escolha do livro que desejar ler, quando professor tem uma biblioteca na sala de aula. A autora afirma que se deve deixar a criança ler por prazer, sem cobrar o produto e sem perguntar.

O uso do material escrito pode influenciar no desenvolvimento do gosto. Cagneti (1986), chama a nossa atenção para a importância, não só do material adequado e bem selecionado, mas para a maneira de usá-lo.

O papel do professor, portanto é conhecer a criança e aprofundar seus conhecimentos referentes à questão de leitura. Não existe método para motivar alguém a ler, o que conta é a motivação que o professor utiliza para despertar o estímulo à leitura. Em consonância com Coelho (2000), o professor, sendo um facilitador da aprendizagem, precisa fazer uma seleção dos textos que seus alunos vão ler e interpretar, ou seja, oferecer diferentes gêneros de leitura como; contos de fadas, lendas, fábulas, poemas, contos, jogos maravilhosos, acumulativos entre outros.

Sendo assim, segundo a autora, é importante lembrar que cada um destes gêneros traz diferentes valores, ou seja, outros livros trabalham valores inversos a estes, porém, é interessante que o professor confronte idéias para perceber determinados aspectos com a realidade que se vive.

Como apresenta Coelho (2000), cabe ao professor iniciar a criança no mundo das letras, incentivando o gosto pelo livro, visando o desenvolvimento do hábito da leitura. É ele quem vai indicar os livros aos alunos, oferecendo-lhes um repertório de títulos, em que possa se movimentar, segundo suas preferências e interesses.

A autora ainda assegura que a inclusão do leitor em determinada categoria depende não apenas da sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento bio-psíquico, afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura. Daí que as indicações de livros para determinadas “faixas etárias” sejam sempre aproximativas.

A seguir, alguns princípios orientadores conforme Coelho (2000), que podem ser úteis para a escolha de livros adequados a leitores iniciantes a partir de 6 e 7 anos. Essa é a fase da aprendizagem da leitura, na qual a criança já reconhece, com facilidade, os signos do alfabeto e reconhece a formação das sílabas simples e complexas. Início do processo de socialização e de racionalização da realidade.

Nessa fase, segundo Coelho (2000), a presença do adulto, como agente estimulador, faz-se necessária, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas do mundo da escrita. Nesse sentido, um dos melhores incentivos a lhe ser dado é o aplauso ou o estímulo carinhoso a cada uma de suas pequenas vitórias.

Segundo a mesma autora os livros adequados devem apresentar algumas características: O texto precisa ser estruturado com palavras de sílabas simples e a imagem ainda deve predominar sobre o texto a narrativa de desenvolver uma situação, acontecimento simples, linear e que tenha princípio, meio e fim, as personagens podem ser reais (humanas) ou simbólicas (bichos, plantas, objetos), mas sempre com traços de caráter ou comportamento bem nítidos, isto é, com limites precisos entre bons e maus, fortes e fracos, belos e feios. Para a descoberta da mensagem os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer e o sentir.

Para Resende (1997) o discernimento quanto à adequação de textos certos a fases específicas de leitura é necessária. Mas a preocupação excessiva é desnecessária, pois o ato de ler é livre e muitos textos pela sua qualidade estética, pelo seu teor crítico e pela sua concepção em linguagem se comunicam com o público em qualquer idade.

Para a autora a poesia é uma opção por meio da qual a criança abre os canais da recepção e expressão, afetando-lhe em profundidade o plano sensorial, intuitivo, irracional, onde residem os símbolos que articulam os sentidos existenciais, vinculadores da totalidade do ser. Já o teatro é uma arte riquíssima, que vai além da palavra. Enquanto texto, não é teatro; somente se concretiza a especificidade do gênero, ao corporificar-se a representação. E os quadrinhos são meios de inigualável valor, para o amadurecimento de uma concepção do mundo e do homem em maior profundidade quando vista como uma nova forma de comunicação.

Nessa perspectiva, a autora diz que dar para a criança um livro é caminho aberto ao novo. As relações dos menores com o livro não se estabelecem em nível de entendimento racional, a fruição se dá por vias afetivas e sensoriais. Estimular os sentidos é uma maneira de educá-los e despertá-los para que fiquem atentos com tudo. A relação afetiva do professor é decisiva, para introduzi-las no mundo emocionante das histórias, poemas, dos jogos, das cantigas, dos brinquedos folclóricos e de músicas acessíveis à sensibilidade infantil.

Professores e pedagogos precisam estar seriamente cientes da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural dos sujeitos. Devem, portanto, desempenhar a função pedagógica, com a maior seriedade possível e ainda com caráter inovador é o que acredita a autora.

Conforme Coelho (2000), o professor é um dos maiores responsáveis por inculcar o hábito da leitura em seus alunos, mas primeiramente, o professor deverá ser um leitor, quer dizer um bom leitor. Por meio do incentivo e de seu exemplo, conduzirá o aluno com maior segurança ao hábito da leitura.

Entretanto, nota-se que muitos professores não estão em concordância quanto à importância da leitura, pois não percebem o valor que ela tem. Essa falta de estímulo à literatura infantil, dá-se muitas vezes por não entenderem seu valor ou por falta de informação. A literatura passa despercebida, como as fábulas, que

muitos professores não sabem diferenciar de outras narrativas e não sabem identificar sua origem.

Segundo Bettelheim (1980), a história “três porquinhos” mostra ensinamentos à criança de uma forma deliciosa e ao mesmo tempo dramática. Assim, aos nossos olhos a história conta sobre o personagem malvado. Mas este conto não representa apenas um imaginário fantástico, mas incutem na criança verdades moralizantes, e as crianças as observam sem questionar. Por isso, é muito importante que o professor consiga perceber e compreender as múltiplas visões da literatura, para descobrir como a história, a princípio ingênua, pode ser portadora de contradições da realidade da criança.

Como diz Coelho (2000), “*O professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência do mundo*”.

A autora ainda menciona que para incutir um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los nem impondo nossos gostos, mas principalmente oferecendo fruição no ato de ler.

É importante ressaltar a postura crítica e reflexiva que se faz necessária para a formação cognitiva da criança; o professor precisa despertar em seus alunos a leitura reflexiva. Dessa forma, a criticidade e a reflexão estarão presentes nas aulas de literatura sem que se perca fantasia e a imaginação das fábulas e dos contos completa a autora.

Para Coelho (2000) quanto mais diversificada for a forma de contar as histórias, mais prazerosas elas se tornam. A literatura deve estar presente, fluindo ânimos dentro de um ambiente cultural, e os livros deverão atender os gostos e curiosidades, proporcionando uma aproximação entre o autor e o leitor, ao que possibilitará a apreensão da linguagem, permitindo à criança que conheça o maravilhoso mundo da literatura.

A autora mostra que se deve proporcionar a criança, uma viagem pela imaginação, uma aventura sem fim, algo que faça o aluno ir além, refletindo, duvidando e esclarecendo essas dúvidas, tentando avançar no horizonte, viagens

que talvez nem mesmo o escritor tenha imaginado. Isto é ler, viajar através da leitura, ser atuante na história. Só assim poderemos mostrar aos nossos alunos que eles são agentes, quer dizer, sujeitos ativos da história.

De acordo com Resende (1997, p.121):

“Quanto maior o convívio com variadas formas de expressão, e mais variados os meios de se chegar a elas, mais rico e sólido se torna o repertório do homem e mais disponível se torna a sua recepção. Quanto mais se ler _ livros e tudo o que se dispõe aos olhos que recolhem, armazenam e transformam _ , maior será o mundo, mais próximas estarão as pessoas e mais curtas, as distâncias.”

2.3. DESENVOLVIMENTO DA LEITURA EM CRIANÇAS DE 2ª SÉRIE

Para compreender o aprendizado da leitura é necessário entender o funcionamento das estruturas cognitivas do cérebro. Conforme Smith (1989), o termo cognitivo significa “Conhecimento” e “Estrutura”, implica organização. Então na verdade tem-se em na cabeça uma organização do conhecimento.

O cérebro possui memórias que vai armazenado tudo o que conhece e compreende sobre o mundo, é o que Smith (1989) chama de teoria sobre como é o mundo. *“Assim qualquer coisa que seja novo e não se relaciona a teoria de mundo em minha mente, não fará sentido para mim, então ficarei perplexo e confuso”* Smith (1989, p. 226). Ele acrescenta ainda que o fato de nos torne perplexos, somente serve para mostrar o quanto é eficiente nossa teoria de mundo em geral funciona.

O autor ressalta que as crianças, mesmo as menores, possuem essa teoria que parece funcionar bem para suas necessidades. Elas passam a maior parte do tempo tirando um sentido do mundo, raramente sentem-se inseguras e confusas. Muitas vezes as crianças não recebem crédito pelo muito que sabem. Porém a maior parte dos conhecimentos sobre o mundo já está relacionada na cabeça antes mesmo de ir à escola. Aos 5 ou 6 anos a estrutura já está lá em nossas cabeças, então cabe aos professores preencher estas estruturas com detalhes significativos.

Para Smith (1989) a compreensão é muito mais do que o conhecimento é a maneira pela qual aprende-se. Então pode-se dizer que aprender a ler é uma questão de entender e compreender a leitura.

Sabendo que a compreensão é mais do que conhecimento pode-se dizer com base nos estudos de Smith (1989) que a previsão é o núcleo da leitura, pois o conhecimento prévio que já tem sobre o mundo, permite prever enquanto ler, compreender, experimentar e desfrutar do que se lê. A leitura é uma atividade carregada de pensamento que é dirigido pela linguagem escrita, e a leitura não pode ser separada do pensamento.

Assim, o pensamento é a operação onde o cérebro realiza tarefas de criar e testa, seletivamente, novos e possíveis mundos. O pensamento é uma atividade crítica e construtiva (SMITH, 1989).

Há também a estrutura visual, não menos importante que os outros e que também é comandada pelo cérebro. Segundo Smith (1989) para ler, necessita-se das informações que os olhos passam ao cérebro. Porém, a informação não visual é facilmente distinguida da informação visual, está com o leitor o tempo todo, não desaparecendo quando as luzes se apagam.

Enquanto os adultos letrados já possuem um conhecimento de mundo elaborado e as informações não visuais mais definidas, a leitura é algo fácil e fluente para as crianças que ainda estão aprendendo a ler. Embora já possua um conhecimento de mundo menos elaborado e estruturas a espera de detalhes significativos, o ato de aprender a ler é muito difícil e complicado.

Para o autor, a criança associa o conhecimento novo ao conhecimento prévio que ela já possui devido ao conhecimento de mundo que ela tem desde o nascimento.

O aprendizado da leitura é uma atividade significativa, não passiva ou mecânica, assim o ato de ler começa com uma palavra e um tipo de texto de cada vez, continuando assim, sem jamais assar. Pois, para Smith (1989), a leitura não é um processo de acúmulo de repertório e sim, quanto mais incentiva uma criança a ler, suas experiências aumentam a habilidade de leitura de qualquer espécie de texto.

Para tornar a leitura significativa o autor esclarece que é necessário deixar que as crianças escolham os tipos de textos que as interessam. A partir do momento em que as crianças sentem-se à vontade para escolher os seus textos, elas descobriram que a leitura é mais do que somente uma experiência agradável, informativa ela pode nos proporcionar momentos de prazer, onde podemos viajar por vários lugares, conhecer pessoas, manipular o tempo, envolvendo-nos, assim com idéias e acontecimentos em uma proporção e seqüência que nossa imaginação queira.

À medida que a criança sente interesse pela leitura ela passa a ler mais, conseqüentemente aprenderá mais sobre a leitura. Aprender a ler nada mais é do que compreender a linguagem falada. Portanto, segundo Smith (1989), ninguém

pode ensinar uma criança a ler, elas são perfeitamente capazes de solucionar seus problemas, desde que tenham oportunidade de testar suas hipóteses e obterem o resultado apropriado.

Para Smith (1989, p. 226-227), *“O aprendizado é um processo contínuo, um estado natural do cérebro, e as crianças, portanto, tendem a aprender todo o tempo”*.

O autor é categórico ao dizer que não pode ensinar com exatidão, o que a criança deve aprender para poder ler, ou que método de instrução específico para que a criança aprenda a ler, mas é possível especificar as condições sob as quais a criança aprenderá a ler. Por isso, no início, antes que as crianças adquiram habilidades e competência para ler se faz necessário que leitura seja feita para elas.

Nesse sentido, segundo o autor deve-se partir do momento que as habilidades vão se expandindo, as crianças precisam apenas de auxílio, uma oportunidade para engajarem-se em demonstrações de leitura, para que tenham a oportunidade de gerar e testar as suas hipóteses em um contexto significativo.

As crianças espelham-se nas adultas que a cercam, desta forma se há pessoas em casa ou mesmo os professores na escola que praticam a leitura e demonstram prazer e satisfação ao fazê-lo, conseqüentemente lutarão para dominar os mistérios da leitura (SMITH, 1989).

Por outro lado, quando as crianças encontram pouco interesse na leitura, os professores devem criar situações interessantes. O interesse não deve ser exigido, por isso há uma necessidade de o professor usar eminentemente a leitura em sala de aula.

Nas classes onde as crianças apresentam dificuldade em aprender a ler os professores devem proporcionar situações em que às crianças sejam auxiliadas a ler aquilo que desejarem. Desta forma assistência que o professor dispensa as crianças pode promover o desenvolvimento da confiança em si mesma, passando assim, a ler de maneira própria assumindo o risco de cometer erros e estando apta a ignorar aquilo que julgar completamente incompreensível (SMITH, 1989).

Segundo Smith (1989) ajuda que o professor deve dar as crianças para aprendam a ler, deve ser a estimulação de seus interesses e facilidades na

utilização em escrita. Assim o leitor continuará desenvolvimento a leitura bem, como a melhorando ao longo da vida.

Assim como Smith (1989) Kleiman (2002), também acredita que o cérebro possui estruturas que nos fazem compreender e organizar o conhecimento.

Para Kleiman (2002) a concepção de leitura a ser desenvolver na escola está diretamente ligada a como processamos as informações. Essa atividade começa com a apreensão do material escrito por meio dos olhos, com o objetivo de interpretá-lo.

Kleiman (2002) afirma que o processamento cognitivo é objetivo quando os olhos percebem o material escrito, passa essa imagem do material para uma memória de trabalho e esta por sua vez organiza em unidade significativa, ou seja, a criança reúne o conhecimento que ela já possui do mundo, adiciona o material escrito que é o conhecimento novo, ao que ele já conhece e assim torna essa aprendizagem em significativa, pois fez uma breve associação ao conhecimento prévio e assim conseguiu interpretar, organizar e compreender o novo material.

Durante a percepção de um material escrito, não consegue perceber tudo o que vê, por isso, não ler palavras por palavra, os olhos se fixa em uma parte do texto e depois pula um trecho e fixa-se em outro mais adiante.

Segundo o autor, os olhos se movimentam rapidamente, assim a voz não consegue acompanhar a rapidez dos olhos, não conseguindo pronunciar o que os olhos lêem. Os olhos possuem dois movimentos constantes, que são os movimentos de progressão e regressão. Assim o leitor eficiente controla o processo de progressão, mais se não entende parte do material, tende a fazer movimentos de regressão até que consiga compreender o material escrito.

Então durante a fixação os olhos percebem o material, porém a visão fica reduzida. Kleiman (2002) afirma que grande parte do lemos é adivinhado ou inferido, por isso não é diretamente percebendo e compreendido, devido à visão periférica.

O que mais impressiona segundo Kleiman (2002) em relação ao trabalho dos olhos é a velocidade com a qual eles bem, dificultando assim o acompanhamento por meio da voz.

De acordo com o autor todas as informações que os olhos captam são enviadas a memória de trabalho, que é a responsável pela organização e transformação dessas informações em material significativo ou aprendizagem significativa.

A memória de trabalho recebe a ajuda da memória intermediária que permite ao leitor recorrer à memória de longo prazo, ou seja, memória semântica, ou profunda que segundo Kleiman (2002) reconhece os conhecimentos relevante para a compreensão do texto ou material escrito.

Para Kleiman (2002) a memória de trabalho tem capacidade finita e limitada, pois não pode trabalhar com mais de 7 unidades ao mesmo tempo. Assim à medida que vai entrando mais unidade à memória deve ser esgazeada das unidades anteriores para estocar as novas unidades.

Então se leitor estiver lendo letra por letra, ou sílaba por sílaba, ele não conseguirá manter todas as unidades na memória de trabalho, pois as partes não se integram num todo significativo, ou seja, não há aprendizagem significativa por eles não compreenderem as partes do material (KLEIMAN, 2002).

É por isso que segundo o autor, em classes de alfabetização a leitura será muito mais difícil para as crianças, e por isso fica limitada à decodificação. Kleiman (2002) afirma que a partir daí surgiu à necessidade de o professor tornar a atividade de leitura em uma atividade comunicativa, fazendo comentários, perguntas, enfim, fugindo a regra, já estas são bem salientes devido às dificuldades iniciais das crianças.

As crianças que estão aprendendo a ler são vagarosas, lêem sílaba por sílaba, tendo assim dificuldade de lembrar o que estava no início da linha quando chegarem ao final. Surge então segundo Kleiman (2002) a importância do professor ajudar o aluno a prever e predizer, focalizando as palavras chaves do texto assim quando as crianças descobrem as palavras chaves, são capazes de reconhecê-las e lê-las rapidamente.

Nesse contexto, segundo Kleiman (2002), à parte da leitura oral, após a etapa de decodificação, tem grandes desvantagens justamente pelo fato de os olhos lêem mais rápido que as vozes pode pronunciar. Por isso durante a leitura oral o professor não deve corrigir os alunos após o erro ao pronunciar algumas

palavras, pois essa atitude pode inibir o desenvolvimento de estratégias de adivinhação do material durante a leitura.

Porém no início da alfabetização, a compreensão da leitura não acontece necessariamente durante o ato de ler, e sim durante a realização de algumas tarefas, na interação com o professor sensível que sabe o que está ensinando, ao propor estas atividades que criam condições para as crianças retomarem texto, e durante a retomada passa compreendê-lo (KLEIMAN, 2002).

Durante a fase de alfabetização, onde a criança está desenvolvendo as estratégias de leitura, segundo Kleiman (2002) o professor deve propor atividades desafiadoras, porém atividades passíveis de resolução desde que um adulto ou colega mais competente o auxilie. Aos poucos o professor deve ir retirando os suportes e deixar que as crianças redefinam as atividades para si, construindo assim a aprendizagem significativa da leitura.

Surge então a necessidade segundo Kleiman (2002), de se manter um ambiente alfabetizador com maior quantidade possível de materiais escritos, para que as crianças possam ter contato constantemente com esses materiais.

Um outro ponto importante para um ambiente alfabetizador é a necessidade dos professores serem leitores, para despertarem o gosto pela leitura nas crianças, caso contrário, profissionais que não gostam de ler não conseguirão despertar nas crianças o gosto pela leitura. De acordo com Kleiman para formar bons leitores é necessário ter paixão, gosto e prazer por ler.

Quando isso não acontece, a tarefa de ensinar a gostar a ler torna-se difícil. Pois segundo Kleiman (2002) as atividades de leitura despertaram nas crianças o sentimento de tortura, não pode ser considerada leitura.

Ninguém faz aquilo que é difícil e muito menos consegue tirar um sentimento naquilo que lêem. Para Kleiman (2002) as crianças não sentem prazer ao ler por não conseguirem encontrar sentido no que lêem.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa oferece a oportunidade de realizar um estudo para investigar, descobrir novos conceitos, princípios e idéias, comprovar, recolher dados por meio de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para os problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.

Conforme Gil (1987) ao realizar uma pesquisa torna-se necessário que a sensibilidade social, a imaginação disciplinada, a paciência, a curiosidade, a integridade intelectual sejam algumas qualidades do pesquisador.

Segundo Gil (2001, p.132) *“a pesquisa bibliográfica consiste no exame do conjunto de livros escritos sobre determinado assunto ou documentos deixados por autores conhecidos ou inéditos”*.

A pesquisa é um recurso importante na busca de novas descobertas, principalmente para os educadores, por meio da pesquisa tem-se a oportunidade de está sempre renovando os conhecimentos, atualizando-se e capacitando no sentido de aprimorar a sua prática docente no ambiente escolar.

Segundo Andrade (2003, p. 123), *“quanto à natureza a pesquisa pode constituir-se em um trabalho científico original ou em um resumo de assunto”*. Nesse sentido, de acordo com o critério definido pela autora, pode-se dizer que este estudo é um resumo de assunto, tendo em vista que esta pesquisa é baseada em livros, pesquisas e outras fontes já apresentadas na área relacionada à temática em estudo. É importante ressaltar que a diferença entre o trabalho científico original e o resumo, segundo autora, não está ligada ao método utilizado, mas a finalidade da pesquisa.

Quanto aos objetivos da pesquisa, pode-se dizer que este estudo é classificado de acordo com Aranha (2003), como pesquisa descritiva, tendo em vista que os fatos relacionados ao tema estão sendo observados, serão registrados, analisados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles.

Outro elemento que pode ser citado em relação aos objetivos da pesquisa segundo a autora é a coleta de dados, que está sendo realizada por meio de questionários e da observação sistemática.

3.1. Métodos e Pesquisa

Este estudo foi realizado com o intuito de verificar como é trabalhado nas turmas de segunda série a Literatura para despertar nos alunos o gosto pelas atividades desenvolvidas no processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa foi desenvolvida com base no método de abordagem qualitativo tendo em vista que serão feitas observações por meio do contato direto do observador com a sua fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave desse processo

E no método comparativo porque procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças similares entre eles. E nessa pesquisa serão comparados os pontos de vista de diferentes autores considerando os diversos estudos realizados por eles, tendo como objeto de investigação a participação das instituições responsáveis pela promoção do incentivo ao gosto pela leitura, como a família, a escola e a sociedade.

Conforme Bogdan e Biklen, apud Lüdke e André (1986, p.11-13). A pesquisa qualitativa apresenta características básicas que justifica o seu uso neste tipo de estudo.

O autor mostra ainda que na pesquisa qualitativa os dados coletados são predominantemente descritivos. Serão incluídas nesta investigação as transcrições de partes do questionário, também serão utilizadas citações para subsidiar uma afirmação ou esclarecer ponto de vista. O pesquisador estará atento aos mínimos detalhes presenciados no ambiente natural onde ocorrem os fenômenos que estão sendo estudados.

Na pesquisa qualitativa, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. Isso significa que o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Neste estudo, foi observado o comportamento dos educadores diante das atividades de leitura realizadas em sala de aula e como interagem com os alunos mediante situações que envolvem essa temática de estudo.

3.2. Métodos de Procedimentos

Para o desenvolvimento deste estudo foi feita uma investigação por meio de observação direta em sala de aula para verificar o tipo de prática pedagógica e quais as metodologias utilizadas pelos professores para despertar nos alunos o interesse pelas atividades curriculares propostas; para perceber se os interesses, as motivações e as necessidades individuais dos alunos são levados em consideração pelos professores para promover o desenvolvimento das habilidades relacionadas às turmas de 2ª série; perceber se o profissional de educação está conscientizado sobre a importância da prática interdisciplinar; e para perceber se os recursos materiais que os professores dispõem e utilizam para criarem nos alunos o gosto pelas atividades de leitura na escola são eficientes.

Os dados foram coletados por meio de questionário aberto, de forma que fosse possível conhecer o pensamento do professor regente em relação ao trabalho de leitura em sala de aula. Segundo Gil (2002), o questionário é um importante instrumento de coleta de dados. É uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizadas nas ciências sociais. Nesse sentido, foi decidido utilizar o questionário porque acredita-se que ele apresenta inúmeras vantagens.

Os questionários serão realizados exclusivamente com os professores e as perguntas utilizadas serão do tipo abertas, com respostas livres, não limitadas por alternativas apresentadas e o pesquisado escreve livremente sobre o tema proposto.

3.3. O sujeito da pesquisa

A pesquisa foi realizada com educadores atuantes nas unidades de Ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Em relação à formação profissional os professores possuem curso superior completo. Observa-se que a faixa etária destes profissionais varia entre vinte e cinco e quarenta anos. Esses profissionais atuam na área educacional há mais de cinco anos.

4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente estudo tem como objetivo principal investigar a Literatura Infantil como fonte de motivação para o desenvolvimento da criança. Para facilitar a compreensão desse objetivo foi desmembrado de maneira específica à realidade das escolas pesquisadas enfatizando a análise da literatura infantil como fonte de recursos para o desenvolvimento da criança; investigar as estratégias de motivação dos professores para despertar o interesse dos alunos da 2ª série.

Assim, busca-se traçar por meio dos dados obtidos no decorrer do desenvolvimento do estudo um paralelo entre a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo, de forma que seja possível interligar a teoria com a prática no processo de ensino aprendizagem dos educandos.

Com base nos resultados dos questionários aplicados em relação à questão um, que se refere ao hábito da leitura na prática pedagógica, constata-se que o sujeito número um afirma que: *“É uma importante ferramenta de trabalho, uma vez que nos professores trabalhamos com o saber”*. O sujeito de número seis afirma que *“é de suma importância o despertar do educando desde os primeiros anos de escolaridade, o prazer pela leitura, pois é por meio dela que a criança constrói seu conhecimento e torna-se um ser criativo”*.

Para compreender a importância da leitura é necessário conhecer o significado desta palavra, nesse sentido. Segundo Bamberger (1995, p.10):

“A leitura processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais, exige do cérebro, durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais”.

Segundo o autor a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, e outros.

Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

Constata-se, ainda, que “*A leitura é uma forma exemplar de aprendizagem*”. Estudos psicológicos revelam que o aprimoramento da capacidade de ler também redundará na capacidade de aprender como um todo, indo muito além da mera recepção.

Para Bamberger, (2000, p.10), “*A boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor*”. Quando se estabelece a relação entre o novo texto e as concepções já existentes, a leitura crítica tende a evoluir para a crítica e a síntese conduzirá a resultados completamente novos.

Nesse contexto é importante que o educador em sua atuação pedagógica possa despertar em seus alunos, as habilidades relacionadas à leitura que são necessárias para elevar a auto-estima, a comunicação escrita e oral, o pensamento lógico e racional para solucionar problemas e tomadas de decisões, a flexibilidade cognitiva, além do aprendizado colaborativo/cooperativo nas questões que envolvem o exercício da cidadania, como a responsabilidade social e a ética. O educador deve, portanto, desenvolver um senso de responsabilidade nos alunos e ter valores de formação humana.

Em relação ao item dois do questionário que buscou saber como o hábito da leitura é trabalhado na prática pedagógica, observa-se que todos os sujeitos afirmam que utilizam a leitura em sua sala, porém o sujeito quatro define bem esse processo quando afirma: “*O hábito de leitura é de grande valia no processo de ensino aprendizagem, pois revela as crianças o mundo mágico da imaginação tornando os mais criativos em suas produções*”.

É importante notar que os professores entrevistados foram unânimes em suas respostas. Esse fato revela que os educadores estão em consonância com os diversos estudiosos da área que afirmam a importância da leitura em sala de aula.

Nesse sentido, pode-se dizer que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo.

Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura. Por outro lado, os contos

clássicos não impedem o raciocínio lógico, porque não embotam a inteligência da criança. Envolvem, isto sim, o aguçar de sua sensibilidade artística e o equilibrar o sonho com o real. É um jogo estimulante a criança sabe que o que está lendo não é verdade, mas fingir acreditar é a magia do imaginário, tão necessária ao desenvolvimento infantil.

De acordo com Silva (1986, p.21), a leitura do texto literário “*pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens*”. Em conseqüência, pode-se dizer que tanto a leitura do texto maravilhoso quanto à leitura do texto realista cumprem o papel social de transformar a infância, na medida em que fazem a criança pensar criticamente. Cumpre lembrar que o texto artístico somente pode desenvolver sua função social em uma coletividade contemporânea que compreenda os códigos culturais.

No item três do questionário buscou-se saber se na escola a prática pedagógica e as metodologias utilizadas pelos professores despertam o interesse dos alunos pelo hábito da leitura. Os professores afirmaram positivamente que as metodologias utilizadas agem como um fator motivador para o desenvolvimento da leitura mesmo com a falta de recursos materiais que acontece na maioria das escolas, conforme exemplifica o sujeito dois “*apesar da falta de recursos como a falta da biblioteca, os professores se esforçam muito para que este desperta pela leitura seja mágico*”.

Pode-se dizer essa preocupação do professor em trabalhar metodologias criativas para trabalhar o processo de desenvolvimento da leitura com os alunos mesmo com todas as dificuldades encontradas em relação à falta de recursos materiais pode ser compreendida quando observa o que diz os estudiosos dessa temática. De acordo com Bamberger (1995), em geral os conceitos de “motivações” e “interesses” são usados em pesquisa praticamente com o mesmo significado.

Porém, é necessário que os responsáveis pela promoção da leitura entendam bem o significado destes conceitos, pois, os interesses e as motivações são fatores extremamente importantes na formação de um leitor.

Os interesses e as motivações do indivíduo refletem-se em seu modo de vida total. Muitas vezes, o que leva uma criança aprender na escola depende mais dos seus interesses do que da sua inteligência. Isso se evidencia não só no bom rendimento que criança apresenta em seus

assuntos favoritos, mas também, na escolha que ela faz de suas atividades no momento do lazer. (BAMBERGER 1995, p. 31-32).

O item quatro do questionário buscou investigar se as necessidades dos alunos são levadas em consideração para promover o gosto pela leitura. Observa-se que os professores afirmaram que sim, este fato está diretamente ligado as orientações relacionadas nos PCN's (1997), que afirmam que as necessidades dos educandos devem ser consideradas em todos os momentos da prática pedagógica pelo educador, como uma forma de desenvolver nos alunos o interesse pelo processo de ensino aprendizagem.

De acordo com os PCN's (1997), ao valorizar a diversidade no processo de ensino o educador atinge os objetivos com mais facilidade. Tendo em vista que a leitura é o ponto de partida privilegiado para a formação de leitores. Suas potencialidades provocadoras do pensamento são inesgotáveis. Por meio dela, a ficção se integra com a realidade, pois sua matéria-prima é a experiência, a observação, a reflexão e o sonho.

Em relação aos recursos utilizados para desenvolver o hábito da leitura, nota-se que os educadores adotam diversos materiais para trabalhar com os educandos. O sujeito um, cita os mais utilizados "*livros diversos, fantoches, encenação da história pelos alunos, exposição oral e outros*".

No item seis, foi investigado se a literatura é uma atividade lúdica, observa-se que o sujeito dois sintetiza bem o pensamento dos demais professores quando diz que por meio da atividade lúdica é possível "*aumentar a capacidade lingüística dos alunos, a indagação, melhorando a auto-estima e que a partir de bons livros são revelados outros elementos*".

De acordo com CAGNETI (1986, p.23):

A leitura contribui, de forma decisiva para preencher a lacuna na formação do ser humano. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo. Propicia o crescimento interior. Leva-nos a viver as mais diferentes emoções, possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar nossos próprios sentimentos.

É nesse sentido, que pode-se dizer que os professores estão revendo a importância da leitura e valorizando a criança como um eterno aprendiz, capaz de criar, recriar, interpretar e formular hipóteses sobre o que lê e escreve. Hoje, toda escola que é bem estruturada, tem uma filosofia que visa a formação reflexiva de

seus alunos, tem uma proposta voltada a formar bons leitores partindo de atividades lúdicas que fazem com que o processo de ensino aconteça de forma significativa para os educandos.

Parafraseando Cagneti, podemos dizer que a leitura é um prazer gostoso, capaz de nos levar ao riso e à tristeza, de tornar-nos íntimos e velhos conhecidos dos personagens, seu contexto nos transporta a outros mundos, consegue dar vida a nossos sonhos. A leitura é um prazer simples e espontâneo, que vai modelando os momentos que o leitor está vivendo.

O último item do questionário buscou saber se a escola investe na capacitação do educador, apesar das novas tendências de ensino visarem a formação continuada, observou-se que essa formação precisa se aprimorada, isto é, nem todos os profissionais têm acesso a essa formação.

Para Nóvoa (1997, p.26): *“A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.”* Em consonância com o autor podemos dizer que o trabalho em equipe e o trabalho interdisciplinar se revelam importantes. Quando as decisões são tomadas em conjunto, desfavorece, de certa forma, a resistência às mudanças e todos passam a ser responsáveis para o sucesso da aprendizagem na escola.

O sucesso profissional do professor, o espaço ideal para seu crescimento, sua formação continuada, pode ser também seu local de trabalho.

A formação oportuniza o professor não só o saber em sala de aula. Ele precisa conhecer as questões educação, as diversas práticas analisadas na perspectiva histórico, sócio-cultural. E ainda, precisa conhecer os desenvolvimento do seu aluno nos seus múltiplos aspectos: afetivo, cognitivo, e social, bem como refletir criticamente sobre seu papel diante de seus alunos e da sociedade.

Ao finalizar a análise desse questionário, foi possível conhecer um pouco da realidade que existe no cotidiano da maioria das escolas da rede pública do Distrito Federal. É possível verificar que as ações pedagógicas nessas escolas estão sendo modificadas em função das necessidades da comunidade local, tendo em vista que é preciso valorizar o contexto do educando.

Sabe-se que em relação ao processo de ensino, o professor é o mediador do conhecimento, que cria a cada dia juntamente com o educando uma proposta de construção do conhecimento, visando formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola como um ambiente privilegiado da vivência democrática e de desenvolvimento do potencial criador de seus alunos, deve contribuir para a discussão e vivência da pluralidade cultural, na medida em que, entre outras estratégias e metodologias, consegue democratizar o acesso ao livro de literatura de qualidade, formando professores e alunos leitores críticos.

A literatura, enquanto arte da palavra, nos põe diante da complexidade da vida, nos apresenta possibilidades de repensarmos o real, o cotidiano, de reinventarmos a própria vida ou até mesmo entender sua multiplicidade.

Se olharmos a história poderemos observar que quando, no século XVIII, os mediadores do texto literário, sacerdotes e críticos, cederam espaço à figura do leitor-intérprete, foram abertas infinitas possibilidades de dar sentidos à leitura.

Diante desse fato é necessário que o educador compreenda que ler é sempre interpretar e a leitura tem uma dimensão social. Provoca, enriquece e encaminha à reflexão e faz com que o educando tenha novas oportunidades na sociedade da qual faz parte, tendo em vista que consegue ler e interpretar os fatos sob diversos ângulos.

Pode-se dizer que a questão da diversidade de interpretação é uma forma de democracia, pois permitir que o texto literário seja o lugar da discordância de múltiplas vozes e leituras. Dessa forma, a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência é primordial na formação do indivíduo e do cidadão.

Assim, a formação de leitores no ambiente escolar se configura como imperativo da sociedade atual. É necessário lembrar que pessoas afeitas à leitura, aptas a penetrar os horizontes veiculados em textos mais críticos, são pessoas capazes de melhor desempenho em suas atividades e apresentam melhor aptidão para o enfrentamento dos problemas sociais.

Faz-se necessário que o educador compreenda que se, por um lado, a leitura pode ser um instrumento de dominação, por outro lado é um instrumento de cidadania. E, muito embora a leitura não seja o único caminho para a cidadania, ela constrói a cidadania à medida que o homem se constrói dentro dessa sociedade.

É nesse sentido que consideramos que o objetivo de nosso estudo foi alcançado, tendo em vista que os resultados indicam que o ato de ler é, pois, uma ação política, e por isto pode-se dizer que o acesso à leitura depende da organização da sociedade e do Estado, que ajuda a mantê-la e a reproduzi-la. O domínio da capacidade de leitura gera maior mobilidade dos educados, aumento capacidade crítica e crescimento da consciência em relação aos seus direitos e deveres.

Como educadores devemos entender que a leitura dá voz ao cidadão, no sentido de que sua interpretação pode gerar a transformação do mundo. Os PCN's (1997), vêm nos ajudar a mudar de atitude, nele podemos perceber que o enfoque abordado está direcionado para o respeito em relação ao potencial que cada um possui, onde o professor deve entender que o aluno vai gradativamente entendendo as competências relacionadas com a linguagem, permitindo, assim, encontrar as respostas para seus problemas diários, entender os assuntos culturais e participar com consciência da realidade social.

Assim, ao trabalhar a literatura em sala de aula o educador deve primar pela valorização da língua oral e escrita. Precisamos ter a serenidade de observar que o aluno precisa usar a linguagem para comunicar em qualquer situação, para isso é preciso em nossa sala propor atividades de leitura diversificada, dramatizações, entrevistas, teatros e outros como uma forma de exercitar o contato com outros falantes, o que vai proporcionar um grande aprendizado.

Sendo assim, para despertar o interesse e a motivação do educando no processo de leitura que é um fato que exige muita reflexão entre as partes envolvidas, o educador precisa utilizar recursos criativos e dinâmicos no decorrer de seu planejamento.

Com isso podemos dizer que para uma perfeita harmonia desses fatos alguns obstáculos devem ser vencidos, como por exemplo, a linguagem utilizada pelo autor, a forma como o fato está sendo passado e como reflete na sociedade, o senso crítico, o modo de receber a informação, a habilidade de compreender o que não foi dito claramente são alguns fatores que contribuem para uma base de relacionamento entre o emissor e o receptor neste âmbito geral de idéias que transmitem uma notícia.

Constata-se que quando o emissor consegue envolver o leitor este processo atinge seu objetivo porque acontece uma ação recíproca, a troca de conhecimento é mútua, e como se ambos estivessem conversando diretamente e conseguissem chegar a um ponto de vista comum sobre os fatos apresentados.

Portanto, a reflexão referente à literatura infantil deverá ocorrer oportunamente no âmbito de estratégias pedagógicas que estão voltadas para a orientação da resolução dos problemas que são manifestados pelos alunos em intervenções orais, na interpretação ou no aperfeiçoamento de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20.12.1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Diário Oficial da União**. Brasília: Ano CXXXIV, nº 248,23 dez. 1.996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: SEF, 1997.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 8ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar,2001.

CAGNETI, Sueli de Souza. ZOTZ, Wemer. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ªed. São Paulo: Moderna. 2000.

_____. **O ensino da literatura: comunicação e expressão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1991.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GROSSI, Esther Pellar. **Construtivismo Pós-Piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem**. São Paulo: Petrópolis, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e práticas**. Ed. Pontes, Campinas, SP,

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Literatura Infantil Brasileira: História& Histórias**. São Paulo: Ática, 1994.

MARTUCCI, E.M. **Aprendendo a contar histórias**. In: Formação de contadores de histórias. São Carlos: UFSCar, 1999. (Apostila).

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. 2 ed. Lisboa: Porto, 1995.

_____. **Os Professores e a sua formação**. 2ª Ed. Nova Enciclopédia, 1997.

PERRENOUD, Philippe (org). **Formando Professores Profissionais**. 2ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura Infanto-Juvenil contemporânea: texto/contexto – caminhos**. Perspectiva, Florianópolis, v.17, n.31, p.127-139, jan./jun. 1999.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.** Ed. Artes Medicas sul Limitada. Porto Alegre: 1985.

TUFANO, Douglas. **Estudos de língua e literatura.** São Paulo: Moderna, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura Infantil na escola.** São Paulo: Global. 1985.

_____. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos.** Global, SP, 1993.

_____. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.